

## SINTAXE-SEMÂNTICA DAS CONSTRUÇÕES ESTATIVAS EM PORTUGUÊS

Telmo Correia ARRAIS\*

**RESUMO:** As frases estativas são caracterizadas como as que descrevem uma situação estática, a qual é concebida como o existir, ao invés do acontecer ou do fazer. A análise proposta se restringe às estruturas tipicamente estativas, ou seja, frases construídas com um verbo copulativo, do tipo ser ou estar, e frases possessivas construídas basicamente com ter. Partindo da forma sintática de tais frases, observa-se a possibilidade de um recorte semântico que permite classificá-las em quatro grandes tipos. São, então, analisadas as estruturas sintático-semânticas das frases equativa, atributiva, locativa e possessiva.

**UNITERMOS:** Frase estativa; frase equativa; frase atributiva; frase locativa; frase possessiva; forma sintática; função semântica; objetivo; experienciador; beneficiário; locativo; causativo; meta; origem.

### 1. DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE ANÁLISE

1.1. A noção de frase *estativa* foi desenvolvida e aprofundada, entre os gerativistas, a partir das análises de George Lakoff (12, 11). Lakoff propôs o traço sintático /estativo/, para explicar as diferenças no comportamento de duas classes distintas de predicadores. Segundo ele, os predicadores marcados com o traço /+ estativo/ têm as seguintes características: a) não ocorrem no imperativo; b) não se constróem com o aspecto progressivo; c) não ocorrem com advérbios como *cuidadosamente*, *entusiasticamente*, *relutantemente*; d) não permitem a substituição por *fazer o mesmo*; e) não ocorrem como complementos de verbos como *persuadir* etc.\*\* Em português, nem todas

essas características são marcantes, algumas trazendo à frase apenas certa estranheza. Considerem-se os verbos *saber*, *compreender*, *gostar* e observem-se as seguintes construções:\*\*\*

- (1) a. \*\*\* Saiba a resposta!  
b. (?) Pedro está sabendo a resposta.  
c. ? Pedro relutantemente sabe a resposta.  
d. \*Pedro soube a resposta e João fez o mesmo.  
e. \*Eu persuadi Pedro a saber a resposta.
- (2) a. (?) Gosta de mim!\*\*\*\*  
b. Tu estás gostando de mim?  
c. Tu gostas entusiasticamente de mim.  
d. ? Tu gostas de mim e tua irmã faz o mesmo.

\* Departamento de Linguística — Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação — UNESP — 14.800 — Araraquara — SP.

\*\*Essas características, como outras apontadas por Lakoff, funcionam como uma forma de testar se determinado verbo inglês é estativo ou não-estativo, mas comumente não são preenchidas pelos verbos estativos correspondentes em português.

\*\*\* As frases precedidas de asterisco são agramaticais; as precedidas de interrogação são apenas estranhas; as precedidas de interrogação entre parênteses são estranhas num sentido, mas não em outro.

\*\*\*\* Como pedido ou apelo é perfeitamente cabível, mas não como ordem.

- e. ? Eu te persuadi a que gostasses de mim.
- (3) a. (?) Compreenda a minha situação!\*
- b. Ele está compreendendo a minha situação.
- c. \*Ele compreende cuidadosamente a minha situação.
- d. ? Ele compreendeu a minha situação e o colega fez o mesmo.
- e. (?) Pedro o persuadiu a compreender a minha situação.

Resultados próximos a esses obteríamos com outros verbos considerados estativos, tais como *ver*, *ouvir*, *crer*, *duvidar* etc. Esses três grupos de frases permitem comprovar a não existência, em português, de uma constância de irregularidade, qualquer que seja ela. Talvez seja mais seguro dizer que esse tipo de verbo, em português, apresenta uma ou outra daquelas características.

Em termos semânticos, Lakoff atribui aos verbos e adjetivos *estativos* a propriedade semântica da *não-atividade*, ao passo que os verbos e adjetivos *não-estativos* têm a propriedade semântica da *atividade* (cf. 12, p. 12). Fillmore (10, p. 31) descarta a necessidade desse traço, já que o que caracteriza, segundo ele, predicados com tal propriedade é o fato de não haver seleção de Agente em seus arranjos casuais.

De fato, a divisão bipolar de Lakoff traz inúmeros problemas. Faz supor que toda frase de não-atividade seja estativa, o que está longe da realidade. Como vimos em trabalho anterior (3), a predicação se apresenta dividida em três áreas: *estados*, *eventos* ou *processos* (frases dinâmicas sem Agentes) e *atividades* ou *ações-processo* (frases dinâmicas envolvendo Agentes).

Assim, muitas das estruturas estudadas como estativas não passam de frases de processo, especialmente aquelas com verbos que descrevem eventos psicológi-

cos. Daí haver, mesmo no inglês, inúmeras contradições em relação àqueles testes de Lakoff, como foram já assinaladas, entre outros, por Lee (14).

Para não alongarmos a questão, preferimos restringir nossa análise às estruturas estrita e tipicamente estativas, que vão desde as frases construídas com um verbo copulativo do tipo *ser* ou *estar*, até as possessivas construídas basicamente com *ter*. Trata-se normalmente de frases cujo sujeito se apresenta em relação de afetamento com o predicador, portanto numa das funções semânticas de Objetivo, Experienciador ou Beneficiário (cf. 3, p. 86-7).

As frases estativas, assim delimitadas, podem ser caracterizadas como as que descrevem uma situação estática, a qual, nos termos de Lyons (17, p. 483), é concebida como o existir, ao invés do acontecer ou do fazer, sendo homogênea, contínua e imutável em toda sua duração.

1.2. Observemos, para as primeiras considerações, o seguinte conjunto de frases estativas:

- (4) O diretor é Jorge Quintana.
- (5) O professor de inglês é o norte-americano.
- (6) Pedro Lário é médico.
- (7) Pedro Lário é famoso.
- (8) Pedro Lário está famoso.
- (9) O paciente está esperançoso.
- (10) O paciente está na sala.
- (11) O livro é de Pedro.

Possivelmente com exceção das frases (4) e (5), pode-se dizer que, ao proferir as demais, identifica-se um referente e dele se afirma que é membro de uma certa classe, que tem uma certa propriedade, que está num certo lugar ou que é posse de alguém. Qualquer dessas afirmações é introduzida em português por um verbo copulativo, o qual pode não ocorrer em estruturas similares de outras línguas. Por outro lado, línguas há que apresentam em estruturas similares uma única forma copulativa (cf.

\* Como pedido ou apelo é perfeitamente cabível, mas não como ordem.

be em inglês, être em francês, sein em alemão etc.), enquanto o português (como também o espanhol) se vale da oposição entre *ser* e *estar*, que assinala basicamente a distinção entre qualidade ou condição essencial e qualidade ou condição acidental\*. Daí a diferença de significação, percebida pelo falante de português, entre as frases (7) e (8) acima.

Do ponto de vista da forma sintática, as duas últimas frases, por terem a cópula seguida de preposição, distinguem-se das demais. As frases de (4) a (9), por sua vez, tanto apresentam a cópula seguida de Sintagma Nominal como de Sintagma Adjetivo. Daí a tríplice possibilidade, em gramática gerativa, de reescrita do Grupo Verbal com cópula:

$$GV \rightarrow \text{Cop} + \begin{Bmatrix} \text{SN} \\ \text{SA} \\ \text{SP} \end{Bmatrix}$$

Em termos semânticos, há de se considerar também uma distinção entre esses três grupos de frases: as de construção exclusivamente com SN de valor 'equativo\*\*'; as de construção com SP, de valor locativo ou possessivo; enfim, as de construção com SA, ou mesmo Nome ou SP, de valor atributivo. E em português há seleções específicas da cópula em função deste ou daquele tipo de frase estativa. Pode-se dizer, assim, que as frases 'equativas' só se constroem com *ser*, enquanto as frases locativas constroem-se predominantemente com *estar*, mas admitem construção com *ser*, dependendo da natureza lexical do nome sujeito; já as frases

possessivas constroem-se com *ser* ou *estar*, mas sempre seguidos de preposição; as frases atributivas, por sua vez, podem construir-se com *ser* ou *estar*, sendo agramaticais as construções com *estar* nos casos em que o atributivo especifica o conteúdo ou matéria do sujeito. Os exemplos de (12) a (18) ilustram tais particularidades de construção:

- (12) a. O professor é Ênio Alcício.  
b. \*O professor está Ênio Alcício.

- (13) a. Papai está na rua.  
b. \*Papai é na rua.

Mas

- c. A festa é na rua.  
(14) a. O caderno é do meu colega.  
b. O caderno está com meu colega.  
c. Meu colega está com o caderno.

- (15) a. A garota é feliz.  
b. A garota está feliz.

- (16) a. Mário é um ladrão.  
b. Mário está um ladrão.

- (17) a. Os primos são de coragem.  
b. Os primos estão com coragem.

- (18) a. Este livro é de inglês.  
b. \*Este livro está de inglês.

O sentido locativo de (13c) apresenta algo de específico em relação ao de (13a): enquanto nesta se afirma a localização de uma entidade, na frase (13c) se afirma a localização de uma ocorrência. Tal especificidade aproxima semanticamente a frase (13c) da expressão de um processo ("A festa se passa na rua", "A festa acontece na rua")\*\*. Já a diferença entre (14a) e (14b) remete àquela distinção básica estabelecida entre *ser* e *estar*: 'posse absoluta' em (14a) e 'posse acidental ou transitória'

\* As gramáticas do português normalmente arrolam, entre os verbos de estado, outros além de *ser* e *estar*, como *parecer*, *ficar*, *permanecer*, que assinalam desde a aparência até a continuidade de estado. Fala-se, nesses casos, de verbos de valor copulativo, acrescentando-se ainda *tornar-se*, *continuar*, *achar-se* e outros que eventualmente podem assumir tal papel, como *ir*, *vir*, *andar*. Neste trabalho, entretanto, queremos analisar só as frases estativas construídas com os copulativos básicos *ser* e *estar*, mesmo assim sem grande exaustividade nas considerações a fazer.

\*\* Tomamos de Lyons (17, p.471) o termo 'equativo' ('equative sentences') para designar as frases estativas que assinalam identificação ou igualdade dos argumentos relacionados pela cópula. Como termo de origem latina, não deve causar estranheza quanto à aceção com que está sendo empregado.

\*\*\* Francisco da Silva Borba (8, p.108 e segs.) assinala que o verbo *ser* com expansão adverbial significa "acontecer", passando a ter, portanto, o valor de um processo. Cf. seus exemplos:

- a. A festa é às nove horas. (TEMPO)  
b. A festa é na minha casa. (ESPAÇO)  
c. A festa é assim. (MODO)

em (14b). Observe-se, por outro lado, a possibilidade de inversão das funções dos argumentos nas construções possessivas com *estar*, como mostram as frases (14b) e (14c).

Sob dois aspectos principais há de se assinalar também a diferença sintática entre frase equativa e frase atributiva: (i) os termos que aparecem após o verbo copulativo nas frases equativas não são extensivos às frases atributivas nessa mesma posição; (ii) o sujeito e o complemento de frases equativas admitem a permuta de funções, o mesmo não ocorrendo nas frases atributivas. A diferença entre frase equativa e frase atributiva se verifica no valor adjetivo constante do termo ou sintagma que segue a cópula, ainda que tal termo não pertença a essa classe de palavras, enquanto na frase equativa é necessariamente nome próprio, um pronome ou SN 'definido' que deve seguir a cópula, nunca adjetivo ou expressão com tal valor. Assim, em (6) temos um Nome (*médico*), em (7)-(8) um Adjetivo (*famoso*) e em (17) um SP (*de coragem, com coragem*), mas todas essas expressões têm valor adjetivo, daí não poder a cópula estar seguida de um nome próprio ou pronome. Em (16) temos o SN *um ladrão*, o qual apenas inclui Mário nessa classe ou qualifica-o como tal, sem identificá-lo, o que se daria se tivéssemos tal nome definido como em (16c):

(16) c. Mário é o ladrão.

A possibilidade de permuta de funções entre os argumentos de frases equativas é mostrada nas frases de (19), (20) e (21), que parafraseiam respectivamente as frases (4), (5) e (16c):

- (19) Jorge Quintana é o diretor.  
(20) O norte-americano é o professor de inglês.  
(21) O ladrão é Mário.

Os exemplos de (12) à (18) anulam, certamente, qualquer ilusão de uma constante simetria, em português, entre as construções com *ser* e *estar*. Se esses verbos se alternam largamente nas construções com Sintagma Adjetivo, o mesmo não se pode dizer das construções com Sintagma Nominal, e muito menos nas de Sintagma Preposicionado. Os exemplos em (12), (13) e (18) deram mostras de construções semanticamente inaceitáveis quando se alterna a cópula.

## 2. A FRASE EQUATIVA

De acordo com as diferenças atrás especificadas entre frase equativa e a frase atributiva, fica assentado que a primeira é usada caracteristicamente para identificar o referente de uma expressão com o referente de outra, enquanto a última é usada para atribuir à expressão de um referente uma certa qualidade ou propriedade. Tal diferença é colocada por alguns lingüistas (cf. 17, p.473) em correlação com a distinção que se faz entre a resposta à pergunta da forma *Quem é Mário?* ("Mário é o ladrão que acabamos de prender") e a resposta à pergunta da forma *O que é Mário?* ("Mário é um ladrão de automóveis"). Mas nem sempre uma frase equativa pressupõe a pergunta *Quem é...?*, pois os referentes identificados podem ser nomes locativos, como em (22), ou mesmo nomes de substâncias com certos compostos ou fórmulas químicas, como em (23):

- (22) a. Lisboa é a Capital de Portugal.  
b. A capital de Portugal é Lisboa.

- (23) a. O cloreto de sódio é o sal.  
b. O sal é Na Cl.

Ora, os dois nomes que aparecem numa frase equativa são, na verdade, correferentes, ou seja, são o que se chama em lógica matemática de 'conjuntos idênticos':  $A = B$ . \* Vale dizer que a estrutura de tais

\*Não há dúvida de que muitos dos termos empregados correntemente em lingüística (tais como *classe, grupo, membro, elemento, entidade* etc.) são resultantes da aplicação da teoria dos conjuntos, que normalmente não aparece explicitada nos trabalhos lingüísticos. Allwood *et alii* (1) mostram como em especial os estudos semânticos (mas também os sintáticos) podem apresentar íntima conexão com a teoria dos conjuntos.

frases é a mesma da sinonímia, o que acarreta alguns problemas na análise das relações e funções semânticas dos argumentos.

O primeiro aspecto que chama a atenção em tais frases é o próprio fato de admitirem a livre permuta de funções dos argumentos. Nesse caso, se o argumento *cloreto de sódio* é Objetivo tópico em (23a), o argumento *sal* é que tem essa função semântica em (23b). A pergunta a fazer é esta: qual a função semântica de cada um desses argumentos na frase em que não é tópico? A resposta é previsível em função da relação de identidade postulada para os dois argumentos de frases desse tipo. Pode dar-se a coexistência, numa frase, de relações funcionais idênticas, uma das quais é primária (tópico, no caso) e a outra secundária\*. Com respeito às frases em (23), cada uma delas apresenta um Objetivo primário (tópico) e um Objetivo secundário; já as frases em (22) apresentam, cada uma delas, um locativo primário (tópico) e um locativo secundário. A conversão em tais frases consiste exatamente em o argumento de função secundária passar a primário e vice-versa. Daí podermos conceber os seguintes esquemas de frases equativas:

SER<sub>eq</sub> [Objetivo<sub>1</sub>, Objetivo<sub>2</sub>]

SER<sub>eq</sub> [Locativo<sub>1</sub>, Locativo<sub>2</sub>]

em que o subscrito eq especifica o tipo de

estativa ('equativa') e os subscritos 1 e 2 especificam a relação funcional como 'primária' e 'secundária', respectivamente.

O primeiro esquema é o de representação mais geral, já que envolve todas as construções equativas, com exceção precisamente das que têm nomes locativos como argumentos. Assim, as frases (4), (5), (12a), (16c), (19), (20) e (21), cujos argumentos são representados por nomes personativos, apresentam esse mesmo esquema funcional.

### 3. A FRASE ATRIBUTIVA

Vimos no item 1.2 que, qualquer que seja o tipo de sintagma que siga a cópula nas frases atributivas, esse terá o valor constante de Adjetivo. Já tem sido exaustivamente demonstrado, especialmente por lingüistas da linha gerativista, que o Adjetivo tem o mesmo valor funcional de Verbo, e como tal está sendo considerado neste estudo\*\*. Isso não quer dizer que releguemos a cópula à mera função gramatical de assinalar as categorias de tempo, modo e aspecto da predicação, e de marcar a concordância com o sujeito.

Já apontamos que, em português, diferentes verbos copulativos denotam diferentes aspectos de estado ou qualidade; a estrutura semântica profunda deve, pois, influenciar a seleção de um ou de outro verbo copulativo. Daí propormos, no caso das frases atributivas, tratar a cópula e o sintagma que a segue como uma peça

\*Cf. a análise por nós desenvolvida, embora em função de outras estruturas frásicas, em trabalho anterior (3, p.90-1).

\*\* A esse respeito, observe-se a atualidade da concepção de Sapir em sua obra clássica de 1921 (19, p. 120):

"Dizemos *it is red* ('é vermelho') e definimos *red* ('vermelho') como vocábulo qualificativo ou adjetivo. Acharíamos estranho pensar num equivalente de 'é vermelho', em que todo o predicado (adjetivo e verbo de estado) fosse concebido como verbo, precisamente da mesma maneira por que o fazemos como 'estende', ou 'faz', ou 'dorme'. Ora, tão depressa damos à noção durativa de ser vermelho uma feição inceptiva ou transicional, podemos evitar as formas paralelas *it becomes red*, *it turns red* ('fica vermelho, torna-se vermelho') com dizer *it reddens* ('avermelha-se'). Ninguém negará que 'avermelha-se' é um verbo tão legítimo quanto 'dorme', ou até 'passeia'. Não obstante, *it is red* relaciona-se com *it reddens* quase como *he stands* com *he stands up* ou *he rises*.

É apenas uma questão idiomática inglesa ou indo-européia não podermos dizer *it reds* no sentido *it is red*. Podem-no fazer centenas de outras línguas. Há até muitas que só podem exprimir o que nós chamamos "adjetivo" por meio de um participio verbal. *Red* em tais línguas é apenas um derivado verbal *being red*, como o são os nossos *sleeping*, *walking* (participios presentes de *to sleep*, "dormir", *to walk*, "passear").

Modernamente, há uma concordância geral entre transformacionistas e casualistas quanto a considerar os adjetivos como verbos. Lakoff (11) mostra serem o *adjetivo* e o *verbo* membros de uma mesma categoria lexical que se pode chamar VERBO, diferindo por um único traço sintático, que ele chama *adjetival* (existente no primeiro e ausente no segundo).

funcional única, mas de duas dimensões na representação semântica: a de categorização do estrato existencial (estativo SER) e a de elemento relacional no estrato do conteúdo objetivo (Verbo que relaciona argumentos, qualquer que seja o tipo de sintagma que o represente)\*. Vamos encontrar, assim, grande número de frases atributivas de um só argumento (monovalente), em português, de que são exemplos as frases de (6) a (9) e de (15) a (18), como as que seguem:

- (24) a. O menino é triste.  
 b. O menino está triste.  
 (25) a. O garoto é alto.  
 b. O garoto está alto.

Há de se reconhecer, de início, que o argumento sujeito, em todas essas frases atributivas, embora na mesma relação de afetamento com o predicador, apresenta diferentes funções semânticas, de acordo com a natureza lexical do sintagma adjetivo. Assim, enquanto nas frases em (25), bem como nas de (6) a (8) e de (16) e (18), o argumento é Objetivo, nas frases em (24), bem como em (9), (15) e (17), o argumento é Experienciador, pois se trata de propriedades psicológicas experimentadas pelo sujeito. Daí podermos conceber provisoriamente o seguinte esquema para essas frases atributivas:

$$\text{SER}_{\text{atr}} \left\{ \begin{array}{l} \text{Objetivo} \\ \text{Experienciador} \end{array} \right\}$$

em que o subscrito *atr* remete ao valor atributivo da frase.

Como, entretanto, o sintagma que segue a cópula deve ser representado com o valor funcional de Verbo no estrato do conteúdo objetivo, é conveniente transcrever também o símbolo Adj junto a SER. Daí a possibilidade do seguinte esquema:

$$\text{SER Adj}_{\text{atr}} \left\{ \begin{array}{l} \text{Objetivo} \\ \text{Experienciador} \end{array} \right\}$$

Cabe então a pergunta: esse esquema refere-se apenas às frases da alínea a ou também às da alínea b? Ou será indiferente? Se ainda há pouco afirmamos que a estrutura profunda deve influenciar a seleção de um ou de outro verbo copulativo, é necessário que haja, na representação semântica da frase atributiva, alguma indicação do caráter essencial ou acidental da atribuição. A subscrição dos símbolos *es* e *ac* em SER pode, pois, concluir a informação. Daí o esquema geral mais completo:

$$\text{SER} \left\{ \begin{array}{l} \text{Objetivo} \\ \text{Experienciador} \end{array} \right\} \left\{ \begin{array}{l} \text{es} \\ \text{ac} \end{array} \right\} \text{Adj}_{\text{atr}}$$

Que esse esquema, entretanto, não induza a pensar que as frases atributivas são caracteristicamente monovalentes. Nada mais enganoso. Ao tratarmos o sintagma de valor adjetivo como Verbo, devemos considerar todas as possibilidades funcionais deste, incluindo suas propriedades de recção. Sem dúvida, as frases atributivas até agora analisadas apareceram sempre com um argumento apenas. E, de fato, muitas são exclusivamente de predicação monovalente, como *ser/estar robusto*, *ser/estar lindo*, *ser/estar alto*, *ser/estar maduro*, *ser médico*, *ser dentista*, *ser homem*, etc. Mas outras há que, em função da recção própria do adjetivo ou nome, se constroem com dois argumentos, como é o caso de: *ser fiel* (a algo ou alguém), *estar confiante* (em algo ou alguém), *ser um destruidor* (de algo), *ser/estar famoso* (por algo), *ser/estar feliz* (com alguém ou em algo), *ser ladrão* (de algo). Há, enfim, casos em que a possibilidade de construção com um segundo argumento depende da ocorrência do copulativo *estar*, sendo bloqueada tal construção quando ocorre o copulativo *ser*, vice-versa. As frases abaixo ilustram as

\*Para a compreensão das dimensões de estratos na representação semântica, cf. nosso trabalho anterior (3, p.79-82).

construções estativas com dois argumentos:

- (26) a. Pedro Lário é famoso por seus diagnósticos.  
 b. Pedro Lário está famoso por seus diagnósticos.
- (27) a. A garota é feliz no casamento.  
 b. A garota está feliz com o namorado.
- (28) a. Mário é um ladrão de cavalos.  
 b. Mário está um ladrão de cavalos.
- (29) a. Os primos são de coragem para a prova.  
 b. Os primos estão com coragem para a prova.
- (30) a. O rapaz é um destruidor de corações.  
 b. O rapaz está um destruidor de corações.
- (31) a. (?) O menino é triste com você.  
 b. O menino está triste com você.
- (32) a. O garçom é natural de Pernambuco.  
 b. \*O garçom está natural de Pernambuco.

O segundo argumento nessas frases circunscreve-se normalmente a três tipos de funções semânticas: Causativo, Meta e Origem. Em (26) e (27) ele é Causativo, como mostram as paráfrases causativas correspondentes:

- (33) Os diagnósticos fazem Pedro Lário famoso.  
 (34) O casamento/O namorado faz a garota feliz.

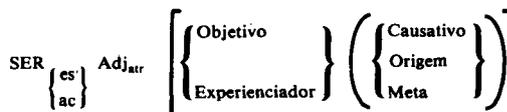
Nas frases de (28) a (30) é Meta a função do segundo argumento. Enfim, nas frases (31b) e (32a), o segundo argumento tem a função de Origem. Embora (31a) não constitua uma frase anômala, parece estranha se a pensarmos com as mesmas funções semânticas de (31b), mas torna-se natural se a tomarmos como equivalente a (35):

- (35) O menino é triste (quando está) com você.

A frase (32b), por sua vez, mostra-se efetivamente anômala, já que o predica-

dor ('ser natural de') descreve uma propriedade essencial característica.

Mas uma das peculiaridades das frases atributivas de dois argumentos é precisamente a não obrigatoriedade de expressão do segundo argumento, ou seja, ele constitui um argumento opcional, cuja presença especifica ou delimita o alcance do predicador. Daí propormos um esquema mais abrangente para as frases atributivas, em que o segundo argumento é colocado como facultativo:



#### 4. A FRASE LOCATIVA

Voltemos nossa atenção agora para as frases estativas como (10) e (13), que apresentam um complemento locativo. Tal complemento corresponde à resposta que se dá à pergunta *Onde está X?*, em que X pode representar pessoas, animais, objetos, etc. É característico da língua portuguesa, como de muitas outras línguas, podermos dizer de uma entidade onde ela está, sem nada dizer como ela é, o que está acontecendo com ela ou o que ela está fazendo. Pode-se, pois, conceber o seguinte esquema para as frases locativas:

##### SER Objetivo, Locativo

Não indicamos, por ora, qualquer subscrito no predicador existencial SER, pois podemos argumentar que a própria presença de um argumento Locativo, precisamente no predicado, já é suficiente para interpretá-lo como dessa natureza.

Observem-se, entretanto, as frases locativas abaixo:

- (36) Pedro está na igreja.  
 (37) A igreja é no alto da cidade.  
 (38) A igreja é ao lado da prefeitura.

A frase (36) evidencia a presença dos dois argumentos indicados no esquema acima, o primeiro deles (Objetivo) correspondendo à entidade da qual se afirma uma localização e o segundo (Locativo), o local em que se encontra a entidade. Mas, se o termo *igreja* aparece como um Locativo em (36), já em (37) ele é o próprio argumento cuja localização está sendo afirmada, enquanto o sintagma *alto da cidade* é que aparece como Locativo propriamente. Há de se admitir, portanto, esse duplo caráter dos nomes locativos: de um lado, têm valor de advérbios locativos, ou seja, indicam o lugar em que se situa o referente de um nominal, de outro lado, podem ter o valor de um nominal que tem como referente um lugar, exercendo, portanto, outras funções diversas da dos advérbios. De qualquer forma, (36) e (37) assinalam a posição espacial absoluta do referente Objetivo, o que não se pode dizer de (38). Nesta, a posição espacial do referente tópico é relativa à posição espacial de outro, com o qual admite a permuta de funções. Daí a frase (39):

(39) A prefeitura é do lado da igreja.

Em português, há toda uma série de locuções de oposição relativa que propiciam o fenômeno sintático da conversão funcional: *atrás de / em frente a, à direita de / à esquerda de, em cima de / abaixo de*. Em tais casos, a permuta dos argumentos se dá com a subsequente substituição de uma locução por outra oposta, como nas frases em (40):

- (40) a. A igreja está à direita da prefeitura.  
b. A prefeitura está à esquerda da igreja.

Mas é de ressaltar que o valor locativo está basicamente nessas expressões de relações opostas, ou seja, elas devem ser entendidas como: *(no lugar), ao lado de, (no lugar) em cima de / abaixo de, (no lugar) em frente a / atrás de*. Daí ser possível ocorrer a permuta mesmo quan-

do a localização relativa se der entre duas entidades, uma das quais é entendida em função do espaço que ocupa:

- (41) a. A borracha está ao lado do lápis.  
b. O lápis está ao lado da borracha.  
(42) a. O caderno está em cima do livro.  
b. O livro está debaixo do caderno.

Daí ser necessário conceber esquemas distintos que apontem a diferença de possibilidades sintáticas dos argumentos, conforme a localização seja absoluta ou relativa:

$$SER_{loc \text{ abs}} \left[ \text{Objetivo, Locativo} \right]$$

$$SER_{loc \text{ rel}} \left\{ \left[ \text{Locativo}_1, \text{Locativo}_2 \right] \right. \\ \left. \left[ \text{Objetivo}_1, \text{Objetivo}_2 \right] \right\}$$

É de notar o paralelismo entre esse segundo esquema e o das frases equativas. Sempre que se realiza a posição relativa, portanto, fica compreendida a possibilidade de permuta de funções entre os argumentos Locativos ou Objetivos.

As frases de (36) a (40) permitem avaliar melhor, agora, dois aspectos peculiaríssimos às frases locativas, aos quais nos referimos, apenas superficialmente, no item 1.2. atrás. Indicamos nesse item que as frases locativas se construíam predominantemente com *estar*, mas admitiam construção com *ser*, dependendo da natureza lexical do nome sujeito. Devemos acrescentar, agora, que as construções com *ser* admitem comutação com o copulativo *estar*, ao passo que as típicas construções com *estar* não admitem comutação com *ser*. Retomemos as frases de (36)

a (40) e façamos a comutação nas frases correspondentes abaixo:

- (43) \*Pedro é na igreja.
- (44) A igreja está no alto da cidade.
- (45) A igreja está ao lado da prefeitura.
- (46) A prefeitura está ao lado da igreja.
- (47) a. A igreja é à direita da prefeitura.  
b. A prefeitura é à esquerda da igreja.

Observe-se que apenas (43) soa estranha ao nosso ouvido, embora soasse bem à época do português arcaico (galego-português)\*. Dizer que com sujeito animado a construção locativa se dá só com *estar* não é suficiente, pois também com outros tipos de sujeito pode dar-se a restrição com *ser*, como mostra (48):

- (48) a. O pão está na mesa.  
b. \*O pão é na mesa.
- (49) a. As chaves estão no cofre.  
b. \*As chaves são no cofre.

Os sujeitos de (43), (48) e (49), independentemente dos traços /animado/ ou /inanimado/, são todos 'entidades', e nesse sentido se diferenciam de nomes 'locativos, como *igreja e prefeitura\*\**, e de nomes de 'eventos', como *feira* em (13c), *sinfonia*, *comemoração* etc. Mas nomes como *igreja* e *prefeitura* podem referir-se também a entidades. Daí sustentarmos que, em português, os nomes usados para referir só a entidades é que admitem construção locativa exclusivamente com *estar*, ao passo que os demais (nomes ambíguos como *igreja* ou nomes de eventos como *feira*), como sujeitos de frases locativas,

constroem-se tanto com *ser* como com *estar*.

Contudo, outra distinção deve ser assinalada entre frases locativas com sujeito representado por nome do evento. Considere-se novamente a frase (13c) em relação agora à frase (13d):

- (13) c. A festa é na rua.  
d. A festa está na rua.

Como indicamos em 1.2, a frase (13c) tem o valor semântico de um processo ('acontece', 'ocorre'), enquanto (13d) é que remete de fato à localização espacial de *feira*. Assim, (13d) é que deve ser considerada a estativa básica, podendo considerar-se (13c) uma estativa derivada. Neste caso, tal derivação pode corresponder inclusive a uma localização no tempo, como mostra (13e):

- (13) e. A festa é no sábado.

As frases locativas de (37) a (40) e de (44) a (47), por sua vez, ao oporem a construção com *ser* à de *estar*, não assinalam a mesma distinção das atributivas (entre essenciais e acidentais), já que toda localização é, por natureza, acidental. Diremos, portanto, que, em português, tal oposição não é marcada (ou distintiva), correspondendo uma ou outra forma às condições momentâneas do discurso. Por exemplo, se a pergunta é "Onde é a igreja?", as respostas mais plausíveis seriam as frases do tipo (37), (38) e (47a), enquanto que, ao examinar-se uma fotografia, se é feita a

\*Observe-se este trecho da poesia religiosa de Afonso X, extraído de Oliveira & Machado (18, p.158): "Como Santa Maria feze estar o monge trezentos anos ao canto da passarã porque lle pedia que lle mostrasse qual era o ben que auian os que eram en Paraiso." (O grifo é nosso). Há ainda a construção de *ser* com adjunto introduzido por *com*, com sujeito animado e de valor locativo, assim comentada por F.S. Borba (8, p.112): "A localização no espaço no sentido de *estar nalgum lugar em companhia de alguém* é rara.

Só encontramos quatro exemplos em que o adjunto é introduzido por *com* e a construção tem valor arcaico e de estereótipo."

\*\* Lyons (17, p. 474-75) traça uma distinção de conseqüências sintáticas e semânticas importantes entre entidades e lugares, embora reconheça não ser bem nítida a diferença entre adverbiais locativos e nominais que se referem a lugar. O problema precisamente é que há muitas expressões nominais que podem ser entendidas como referindo-se tanto a entidades como a lugares, de acordo com o contexto em que são usadas. É o caso de *igreja e prefeitura* nos exemplos de (36) a (40) e (44) a (47). De fato, são nomes que se referem tanto a entidades físicas que se localizam em determinados lugares, como a espaços (lugares) dentro dos quais outras entidades estão localizadas. Daí poderem ser considerados inerentemente ambíguos.

pergunta “Onde está a igreja?”, as respostas mais plausíveis seriam as frases do tipo (40a), (44) e (45).

### 5. A FRASE POSSESSIVA

Chegamos, finalmente, ao último tipo de frases estativas, as possessivas. Convém, antes de mais nada, desfazer o engano com que é muitas vezes compreendido o termo ‘possessivo’. De fato, ele sugere que a função básica das construções possessivas é a de exprimir ‘posse’ ou ‘propriedade’. Entretanto, como observa Lyons (17, p.474), uma construção possessiva indica, muitas vezes, nada mais que uma associação entre dois termos, por exemplo, que o referente de Y está em proximidade espacial com o referente de X, ou que o sujeito de ‘ter’ (‘possuidor’) exerce alguma influência sobre o objeto de ‘ter’ (possuído). Daí sustentarem muitos lingüistas que as construções possessivas nada mais são que uma subclasse das locativas\*. Os exemplos abaixo ilustram tal correspondência:

- (50) a. O cofre está com dinheiro.  
b. O cofre tem dinheiro.  
c. Há dinheiro no cofre.
- (51) a. Esses livros são da biblioteca.  
b. A biblioteca tem esses livros.  
c. Há esses livros na biblioteca.
- (52) a. Esta caixa está com um diamante.  
b. Esta caixa tem um diamante.  
c. Há um diamante nesta caixa.  
d. O diamante está nesta caixa.

De fato, há correspondência semântica

entre as construções *a* e *b*, que também se observa entre estas e as construções *c*. Lembramos, porém, que correspondência ou equivalência semântica não significa representação semântica idêntica: de fato, a frase de cada alínea tem uma representação semântica própria, sobretudo quanto ao argumento topicalizado.

Em um primeiro momento, em vez de considerarmos as possessivas como uma subclasse das locativas, vamos tomá-las apenas como uma classe das estativas em geral, mesmo porque é perfeitamente possível comprovar sua correspondência também com as frases atributivas, como mostram os exemplos abaixo:

- (53) a. João está com prestígio na firma.  
b. João tem prestígio na firma.  
c. João  $\left\{ \begin{array}{l} \text{é} \\ \text{está} \end{array} \right\}$  prestigiado na firma.
- (54) a. Mário está com poder na firma.  
b. Mário tem poder na firma.  
c. Mário  $\left\{ \begin{array}{l} \text{é} \\ \text{está} \end{array} \right\}$  poderoso na firma.
- (55) a. Pedro está com força.  
b. Pedro tem força.  
c. Pedro  $\left\{ \begin{array}{l} \text{é} \\ \text{está} \end{array} \right\}$  forte.
- (56) a. Bento está com coragem.  
b. Bento tem coragem.  
c. Bento  $\left\{ \begin{array}{l} \text{é} \\ \text{está} \end{array} \right\}$  corajoso.

É de observar, também nestes casos, a possibilidade de estender a paráfrase à construção locativa com *haver*, como mostram as frases da alínea *d*:

\* Cf. a extensão da hipótese localista de Anderson (2, p. 107-118) às construções possessivas, entre outras. Também não é outra a posição de Bendix (5, p. 37-59; 6, p. 393-409) na análise componencial do verbo inglês *have* (‘ter’). Cf. ainda Benveniste (7), Fillmore (9), Lyons (15; 16, § 8.4.4), Bach (4). Segundo esses autores, em muitas línguas o ‘possuidor’ é locativo, enquanto em outras o ‘possuído’ é que é o locativo ou ‘comitativo’, pelo menos na estrutura de superfície.

- (54) d. Há poder em Mário.  
(55) d. Há força em Pedro.  
(56) d. Há coragem em Bento.

As aproximações parafrásticas tanto de (50) a (52) como de (53) a (56) permitem-nos tirar algumas conclusões, tais como: (i) as construções possessivas comumente admitem uma paráfrase locativa, embora possam ter também valor atributivo; (ii) os verbos *ter* e *haver* podem ser considerados cópulas derivadas de *ser*\*, sendo mais específica a natureza semântica dos termos que eles relacionam. *Ter* relaciona um SN a outro (SN tem SN), o primeiro dos quais assinala o 'possuidor', o segundo, o 'possuído', enquanto *haver* relaciona um SN a um SP locativo. Em qualquer caso, o possuidor pode ser interpretado como a entidade que contém ou em que está o objeto possuído, ou seja, como Locativo. Como o verbo *ter*, entretanto, traz ao primeiro argumento uma relação de afetamento, de forma a fazer desse argumento o beneficiado pelo 'estado de posse', devemos interpretá-lo basicamente como Beneficiário quanto à função semântica, levando secundariamente a função de Locativo. Nas construções com *haver*, é exatamente essa função de Locativo que se torna primária, tornando-se Beneficiário a função secundária. Daí propormos o seguinte esquema para as possessivas:

SER<sub>poss</sub> [Beneficiário<sub>Loc</sub>/Locativo<sub>Ben</sub>, Objeto]

(A barra que separa as funções do primeiro argumento significa "um ou outro", dependendo da ocorrência de *ter* ou *haver*).

Contudo, há certa tendência a considerar o primeiro argumento, quando representado por nome da classe dos animados, como Beneficiário, e, quando por nome da classe dos inanimados, como Locativo. O mesmo é válido para as construções possessivas com *estar com* e *ser de*\*\* . A própria topicalização deste ou daquele argumento vai depender precisamente do copulativo com que se constrói a frase: *ter* e *estar com* levam à topicalização de Beneficiário (ou Locativo), *haver* e *ser de* à topicalização de Objeto\*\*\*.

Comparem-se as frases em (57):

- (57) a. A indústria tem muitos empregados.  
b. A indústria está com muitos empregados.  
c. Há muitos empregados na indústria.  
d. Muitos empregados são da indústria.

Sem dúvida, aliás, a presença ou não do verbo *ter* numa frase está relacionada, muitas vezes, ao processo de topicalização, ou seja, *ter* é ou não introduzido em função de se querer topicalizar este nome ou aquele outro. Comparem-se as frases com *ter* e as correspondentes sem *ter*:

- (58) a. Esta companhia teve cinco aviões

\* Posição frontalmente oposta é a de Langacker (13, p. 351 e segs.), que considera o verbo inglês *have* ('ter') como processual, mas não ativo. Nossa posição aproxima-se da de Anderson (2, p. 110), para quem *ter* (ingl. 'have') é, pelo menos em algumas ocorrências, uma variante da cópula. Cf. também Lyons (16, § 8.4.4).

\*\* À construção *ser de* deve-se acrescentar *ser para*, e ambas podem levar a uma maior especificação do Locativo, respectivamente Origem e Meta. Observem-se as frases:

- a. Este romance é de Jorge Amado.  
b. Este romance é para o professor.

A frase *a* é ambígua, com os sentidos: (i) relação simples entre possuidor (*Jorge Amado*) e possuído (*este romance*); (ii) relação possessiva que envolve um nome que é a Origem da posse (= autoria) e um nome que é objeto possuído (= obra criada). Essa ambigüidade corresponde à oposição entre posse acidental (o romance é alienável) e posse inerente (a autoria é inalienável).

A frase *b* estabelece uma relação entre um termo possuído potencial e um possuidor virtual, ou seja, destinatário do romance, embora não de posse física do romance nesse momento. Dá-se portanto a relação entre Objeto e Meta.

\*\*\* Em certos casos, entretanto, a construção *estar com* permite a conversão funcional dos argumentos. CF.

- a. Pedro está com o livro.  
b. O livro está com Pedro.

voando ininterruptamente esta semana.

b. Cinco aviões desta companhia voaram ininterruptamente esta semana.

(59) a. As árvores da rua estão tendo os ramos podados.

b. os ramos das árvores da rua estão sendo podados.

O tópico das frases sem *ter* corresponde ao complemento das correspondentes construções com *ter*. O tópico das construções com *ter*, por outro lado, pode corresponder a uma maior variedade de tipos de SN que ocorrem nas frases ativas e passivas sem *ter*, como mostram as construções em (60):

(60) a. Os apóstolos tiveram os pés lavados por Cristo.

b. Os pés dos apóstolos foram lavados por Cristo.

c. Cristo lavou os pés dos apóstolos.

Os exemplos mostram que, na construção com *ter*, não foi topicalizado nem o sujeito nem o complemento da frase ativa básica (60c). Isso demonstra que, para topicalizar determinado SN de certas estruturas frásicas subjacentes, faz-se necessário seu alçamento para a posição de sujeito na estrutura de superfície com a introdução de *ter*, enquanto tal SN aparece numa variedade de outras posições na estrutura de superfície quando não tópico.

Nos exemplos que ilustraram as relações de posse, não fizemos qualquer referência à distinção que comumente os linguístas traçam entre posse 'alienável' (ou 'acidental') e posse 'inalienável' (ou 'inerente')\*. Não é difícil perceber a diferença entre uma e outra, mas nosso interesse está aqui voltado para as conseqüências sintáticas de uma e outra. A posse alienável, como sugere o adjetivo, é aquela em que o termo possuído é separável ou transferível do possuidor, enquanto a posse inalienável é aquela que não admite que se separe ou transfira o termo possuído do possui-

dor. Assim, a relação de proximidade entre possuidor e possuído é bem íntima na posse inalienável, ao passo que na posse alienável pode mesmo haver ambigüidade entre 'disponibilidade' e 'posse'. Veja-se o exemplo (61):

(61) Eu tenho uma régua

A ambigüidade desta posse alienável se evidencia nas frases de (62):

(62) a. Eu tenho uma régua comigo ('Disponho de uma régua aqui e agora'):

b. Eu tenho uma régua entre meus pertences.

A frase (62a) não indica necessariamente 'propriedade' e sim 'disponibilidade', mas em qualquer dessas frases o objeto possuído *régua* é transferível.

Já a intimidade entre os termos da relação de posse inalienável se patenteia por compreender o termo possuído alguma parcela do próprio possuidor, como partes do corpo, relações de parentesco, faculdades intelectuais, disposições psicológicas; enfim, tal relação entre possuidor e possuído é identificada como exclusiva e especial em algum sentido. Vejam-se os exemplos abaixo:

(63) A menina tem olhos verdes.

(64) Eu tenho um filho.

(65) O garoto tem boa memória.

(66) Papai tem um temperamento forte.

Assim, as relações acidentais ou alienáveis se distinguem das inerentes ou inalienáveis porque são logicamente independentes, como se pode ilustrar nos exemplos que seguem:

(67) (Um livro é seu, o outro não é).

(68) a. Ele tem o livro que é seu.

b. Ele tem o livro que não é seu.

c. Ele não tem o livro que é seu.

Parece não haver dificuldade, pois, em interpretar frases que dizem que o que alguém tem ou não tem pode ser ou não seu.

As frases de (63) a (66) apresentam,

\*Cf., por exemplo, Fillmore (10, p. 61-81) e Anderson (2, p. 114-6).

ainda, uma característica típica das construções de posse inalienável, qual seja, o fato de o termo possuído estar comumente seguido de um atributivo. Essa estrutura típica confere a tais frases várias possibilidades de paráfrase, como mostram os exemplos de (69) a (71):

- (69) a. Eu tenho os cabelos pretos.  
b. Meus cabelos são pretos.  
(70) a. Ela tem a cintura fina.  
b. Ela é fina de cintura.  
c. Sua cintura é fina.  
(71) a. Ela tem um corpo bem feito.  
b. Ela é bem feita de corpo.  
c. Seu corpo é bem feito.

Se em (70) e (71) substituirmos o termo possuído por outro de relação alienável, a estrutura *b* resultará anômala:

- (72) a. Ela tem uma corrente fina.  
b. \*Ela é fina de corrente.  
(73) a. Ela tem um vestido bem feito.  
b. \*Ela é bem feita de vestido.

Dadas essas diferenças de comportamento sintático, julgamos pertinente a indicação dos traços 'alienável' e 'inalienável' no esquema das frases possessivas, que pode ser como segue:

SER<sub>poss</sub> { ali / ina } { Beneficiário / Loc / Locativo / Ben / Objetivo }

**ABSTRACT:** *The stative sentences are characterized as those that describe a static situation, which is conceived as the existing, instead of the happening or of the doing. The analysis proposed here is restricted to the typically stative structures, that is, sentences that are formed with a copulative verb, like ser or estar ("be") and possessive sentences formed basically with ter ("have"). Based on the syntactic form of such sentences, it is possible to devise a semantic approach that allows their classification into four types. The syntactic-semantic structures of the equative, attributive, locative and possessive sentences are then analysed.*

**KEY-WORDS:** *Stative sentence; equative sentence; attributive sentence; locative sentence; possessive sentence; syntactic form; semantic function; objective; experiencer; beneficiary; locative; causative; goal; source.*

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALWOOD, J. *et alii* — *Logic in linguistics*. Cambridge, Cambridge University Press, 1977.
2. ANDERSON, J. — *The grammar of case: towards a localistic theory*. Cambridge, Cambridge University Press, 1971.
3. ARRAIS, T.C. — Aspectos da significação da frase: categorização do verbo, relações e funções semânticas. *Alfa*, 27: 77-92, 1983.
4. BACH, E. — *Have and be in English syntax*. *Language*, 43:462-85, 1967.
5. BENDIX, E. — *Componential analysis of general vocabulary*. Bloomington, Indiana University, 1966.
6. BENDIX, E. — The data of semantic description. In: STEINBERG, D. & JAKOBOVITS, L., eds. *Semantics*. Cambridge University Press, 1971. p. 393-409.
7. BENVENISTE, É. — 'Être' et avoir' dans leurs fonctions linguistiques. *Bulletin de la Société de Linguistique*, 55: 113-34, 1960.
8. BORBA, F. da S. — *A frase com verbo ser em português*. Araraquara, FFCL, 1967. (Tese-Doutoramento)
9. FILLMORE, C. — A proposal concerning English prepositions. *Monograph Series on Languages and Linguistics*, n.19:19-33, 1966.
10. FILLMORE, C. — The case for case. In: BACH, E. & HARMS, R., eds. *Universals in linguistic theory*. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1968. p.1-88.
11. LAKOFF, G. — *Irregularity in syntax*. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1970.
12. LAKOFF, G. — Stative adjectives and verbs in english. In: *Mathematical linguistics and automatic translation*. Harvard University

ARRAIS, T.C. — Sintaxe-semântica das construções estativas em português. *Alfa*, São Paulo, 28:71-84, 1984.

---

- Computational Laboratory, 1966. NSF Report N.17.
13. LANGACKER, R. — Functional stratigraphy. In: GROSSMAN, R. *et alii*, eds. *Papers from the parasession on functionalism*. Chicago, Chicago Linguistic Society, Apr., 1975. p. 351-97.
14. LEE, D.A. — 'Stative' and case grammar. *Foundations of Language*, 10: 545-68, 1973.
15. LYONS, J. — A note on possessive, existential and locative sentences. *Foundations of Language*, 3:390-96, 1967.
16. LYONS, J. — *Introduction to theoretical linguistics*. London & New York, Cambridge University Press, 1968.
17. LYONS, J. — *Semantics*. Cambridge, Cambridge University Press, 1977.
18. OLIVEIRA, C. & MACHADO, S. — *Textos portugueses medievais*. Coimbra, Coimbra Editora, 1969.
19. SAPIR, E. — *A linguagem: introdução ao estudo da fala*. Trad. de J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro, I.N.L., 1971.